

memória CULT



Ouro Preto - MG - Brasil - Ano XI - nº 30 - março de 2021

memoriacult.com.br



Execução de Tiradentes, Guignard, 1961

 **Estátuas de alumínio reciclado substituem originais**

por José Efigênio Pinto Coelho

 **Últimas horas: o que pensou o condenado?**

por Bruno Terra Dias

 **Entrevista:**

Promotor Marcelo Azevedo Maffra, o novo protetor do patrimônio

A Assembleia economizou e devolveu ao Estado para a Saúde:



46 MILHÕES
em 2019

300 MILHÕES
em 2020

80 MILHÕES
em 2021

Com uma gestão responsável, ética e transparente, a Assembleia Legislativa de Minas Gerais mostra que é possível reduzir custos e defender os interesses dos cidadãos.



**ASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAIS**

Poder e voz do cidadão



15 anos! Pouco mais que a idade desta memóriaCult, Minas e o Brasil comemoram a oportuníssima iniciativa do Ministério Público Estadual em criar, ineditamente no país pelo visionário então - e atualmente - Procurador Geral de Justiça, Jarbas Soares Junior, a Coordenadoria das Promotorias de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais, cuja titularidade inicial, e por mais de 10 anos, foi do promotor Marcos Paulo de Souza Miranda, um grande ícone na defesa do nosso patrimônio, hoje chefiando outra importante área do MPMG, mas cujo trabalho na área cultural homenageamos, em caráter especial, na página do artista. Depois, por 4 anos, a CPPC foi ocupada pela promotora Gisele Ribeiro e, agora, tem como seu novo titular o jovem promotor Marcelo Maffra, com extenso curriculum junto ao MPMG e entrevistado desta edição.

O professor Manoel Hygino dos Santos, a seguir à entrevista, discorre sobre o sesqui-centenário de Levindo Coelho, ilustre figura de destaque no cenário mineiro.

Segue-se a exposição do artista plástico, escritor e restaurador, José Efigênio Pinto Coelho, sobre seu trabalho de execução, em alumínio reciclado, substituindo faianças portuguesas na Igreja de São Francisco de Paula, em Ouro Preto.

Na sequência, Gilberto Furriel traz a primeira paróquia do Sul de Minas, a de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca.

A seguir, o desembargador e historiador Bruno Terra Dias, em trabalho de grande densidade, discorre sobre as últimas horas do herói nacional Joaquim José da Silva Xavier.

O professor e historiador Guilherme Macedo nos brinda com ensaio sobre o escritor catarinense Enéas Athanázio.

Ainda, Dom Francisco Barroso Filho escreve sobre a busca da felicidade e, finalmente, Rogério Tavares, presidente da Academia Mineira de Letras, apresenta nos a coletânea “20 Contos sobre a Pandemia de 2020.

Excelente leitura a todos



Eugênio Ferraz

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais



Sumário

Fotografia: José Efigênio



Fotografia: Eugênio Ferraz



12 **Estátuas de alumínio reciclado substituem faianças portuguesas**
por José Efigênio Pinto Coelho

21 **Últimas horas**
Por Bruno Terra Dias

04 **Página do Artista**

17 **Paróquia N. Sra. da Conceição de Aiuruoca - Primaz do Sul de MG**
por Gilberto Furriel

05 **Entrevista:**
Marcelo Azevedo Maffra

27 **Enéas Athanázio: de leitor a escritor**
por Guilherme Queiroz de Macedo

09 **Um Verão de Minas: “150 anos de Levindo Coelho”**
por Manoel Hygino dos Santos

29 **Em busca da felicidade**
por Dom Francisco Barroso Filho

31 **20 contos sobre a pandemia de 2020**
por Rogério Faria Tavares



Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: memoriacult@gmail.com. A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

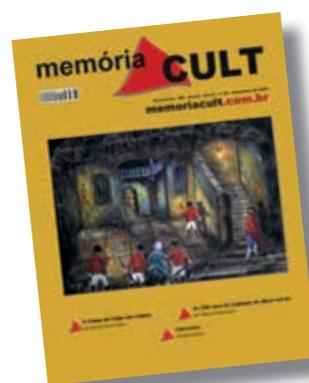
Prezado Dr. Eugênio Ferraz,

Recebi o número 28 - novembro de 2020 da MEMÓRIA CULT, magnífica Revista que muito honra a cultura histórica de Minas Gerais. Exalto sobretudo os artigos do Presidente da Academia Mineira de Letras Rogério Faria Tavares e do Côn. Luiz Carlos Ferreira Carneiro.

Ad majora semper!

Côn. José Geraldo Vidigal de Carvalho
Membro da Academia Mineira de Letras

ÚLTIMA EDIÇÃO



A edição número 29 da Memória CULT trouxe artigo sobre os 300 anos da Capitania de Minas, pelo jornalista e escritor Mauro Werkema. O entrevistado foi o músico, Toninho Horta. Confira a edição completa em memoriacult.com.br

EXPEDIENTE **memória CULT**

memoriacult.com.br

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano XI - nº30 - março de 2021

Diretor Executivo e Editor Geral | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

Projeto Gráfico | Raphael Simões

Revisão Ortográfica | Acácio Cândido da Silveira Santos

Foto da capa | Eugênio Ferraz

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.

Promotoria de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais

A capa da edição 30 da memóriaCult é muito especial!!! Ela traz uma imagem, em óleo sobre tela, de Guignard, de 1961. Deste artista não há o que se falar, ou escrever, pois é um dos maiores pintores brasileiros.

Resolvemos, então, aqui homenagear a Coordenadoria de Defesa de Patrimônio Cultural e Turístico do Estado de Minas Gerais trazendo obras sacras recuperadas de coleções particulares e devolvidas a seus devidos lugares. Uma imagem de São Miguel Arcanjo que foi devolvida à Igreja do Divino Espírito Santo, em São Romão, Norte de Minas Gerais. A imagem estava custodiada pelo Museu Mineiro desde que foi apreendida, em 2003. E também um busto relicário de São Boaventura, atribuído ao mestre Aleijadinho, que estava sob posse de um colecionador em São Paulo, vai retornar definitivamente para o acervo do Museu Aleijadinho, em Ouro Preto, na Região Central de Minas Gerais. Várias peças foram recuperadas ainda na gestão do promotor Marcos Paulo de Souza Miranda, a quem homenageamos nesta página pela sua atuação na Coordenadoria por mais de 10 anos.



Fotografias: Acervo CPPC



A imagem de São Francisco de Paula, vinda de Portugal no século XVIII, padroeiro de Divinópolis, região Centro-Oeste de Minas, retornou a catedral do município.



Florão do Arco Cruzeiro entregue ao Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.



Marcelo Maffra

Novo Defensor do Patrimônio Histórico

Fotografia: Acervo do Entrevistado



Promotor de Justiça do Estado de Minas Gerais desde 2005. Atuou nas seguintes comarcas: Grão Mogol, Mantena, João Monlevade, Patos de Minas, Carmo do Paranaíba, Pitangui e Belo Horizonte (Saúde e Auditoria Militar); Coordenador das Promotorias de Justiça de Defesa do Patrimônio Cultural e Turístico de Minas Gerais desde dezembro 2020; Coordenador Regional das Promotorias de Justiça de Defesa do Meio Ambiente em Patos de Minas (2010-2016); Membro da Unidade Regional Noroeste do Conselho Estadual de Política Ambiental – COPAM (2010-2016); Defensor Público do Estado de Minas Gerais (2005); Mestre em Direito Público pela PUC/MG (2021); Especialista em Direito Ambiental pela Universidade Gama Filho (2014); Graduado em Direito pela PUC/MG (2003).

Em tempos de pandemia, crises fiscais, confinamentos etc. como fica o patrimônio histórico, turístico e ambiental?

A pandemia não pode constituir obstáculo à proteção do nosso patrimônio, uma vez que a Constituição considera o meio ambiente equilibrado, inclusive no seu aspecto cultural, como essencial à sadia qualidade de vida. Logo,

trata-se de uma obrigação impostergável, pois vincula-se à dignidade da pessoa humana. Por isso, todas as ações necessárias à conservação dos bens culturais devem ser consideradas pelas autoridades sanitárias como atividades essenciais e, por isso, não podem ser interrompidas. Até porque eventuais interrupções podem propiciar a ocorrência de danos irreparáveis ao nosso patrimônio cultural.



Quais seus projetos para essa área?

O objetivo principal da Coordenadoria (CPPC) é prestar apoio técnico e jurídico a todos os Promotores de Justiça do Estado de Minas Gerais que atuam na proteção do patrimônio cultural. Eu atuo em conjunto com meus colegas nos casos mais complexos e relevantes, desde a fase investigatória, com a realização de perícias e requisição de documentos, até a adoção das medidas judiciais ou extrajudiciais cabíveis para a salvaguarda dos bens culturais. A minha prioridade é aprimorar o suporte aos Promotores por meio de ferramentas que garantam maior agilidade e qualidade na atuação do MPMG.

Uma das nossas frentes de trabalho será o fortalecimento do combate ao comércio ilegal de bens culturais, desde a prevenção às subtrações até a recuperação das peças desaparecidas. Estima-se que mais da metade do patrimônio cultural mineiro foi extraviado ao longo da nossa

história. Depois do tráfico de drogas e armas, o comércio ilegal de bens culturais é o mercado ilícito mais lucrativo do mundo. Nós sabemos que a imensa maioria das vendas de peças extraviadas ocorre na internet, principalmente em sites de leilões. Por isso, estamos desenvolvendo um aplicativo para celular/tablet, que traz um completo banco de dados dos bens culturais desaparecidos e permite a participação da população na fiscalização do comércio irregular.

Na primeira etapa do projeto, o APP vai permitir que qualquer pessoa acesse o catálogo de peças desaparecidas e denuncie a venda ilícita aos órgãos de fiscalização. Na segunda fase, a ideia é que o banco de dados permita a utilização da inteligência artificial para rastrear na internet qualquer anúncio de venda dos bens cadastrados, permitindo a imediata atuação do MPMG, com a recuperação do objeto e a devolução ao local de origem. O sucesso deste trabalho depende não apenas

Fotografias: Acervo CPPC



Datada do século XVIII, a imagem de Santana Mestra integrante do acervo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Gagé, localizada na zona rural de Conselheiro Lafaiete, é de autoria de Mestre Piranga, importante escultor, contemporâneo de Aleijadinho.

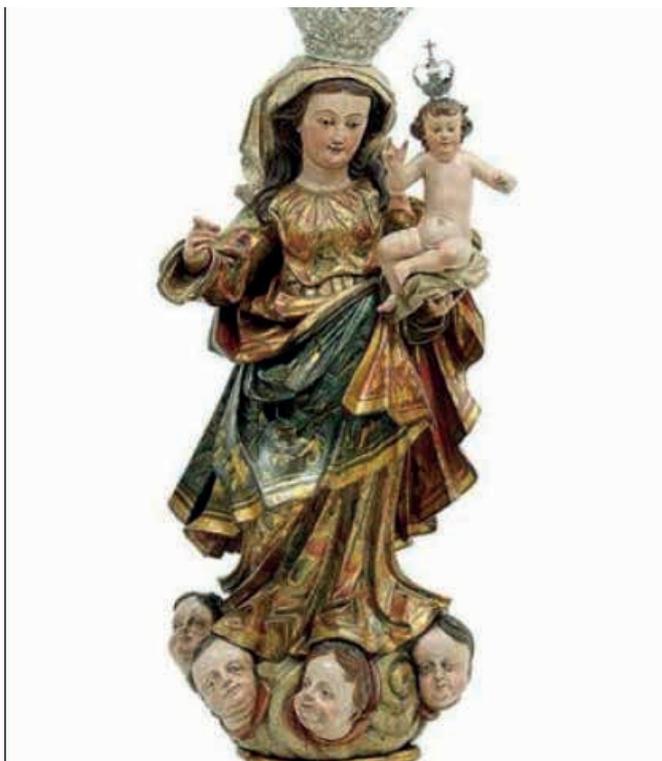
da integração de todos os órgãos públicos que atuam na proteção do patrimônio cultural, mas também da sociedade, que tem um papel fundamental nesse processo contínuo de vigilância.

Vandalismos, roubos, pisações, descaracterizações tem sido recorrentes nos monumentos históricos. Como será o combate na sua gestão?

As ações da CPPC são muito amplas nesta seara. Além dos bens edificados, o patrimônio arqueológico e espeleológico também são alvos frequentes dos crimes contra o patrimônio material. A proteção só é eficiente se feita de forma integrada pelo Poder Público com a sociedade. Por isso, precisamos ampliar a gestão compartilhada dos bens culturais, inclusive com o desenvolvimento de ações de educação patrimonial. Para preservar é necessário conhecer a relevância da história e da cultura.

Para ilustrar, aqui perto de BH, o MPMG vem atuando de forma integrada com várias instituições parceiras na preservação da Estação Ecológica de Aredes, que abriga vestígios remanescentes do século XVIII. Nossa atuação também está voltada para o acompanhamento das atividades minerárias próximas a bens culturais relevantes, tais como a Serra da Piedade e a Serra do Curral.

A intenção também é fortalecer os programas de vigilância e monitoramento dos bens culturais materiais, com sistema de câmeras, drones e outros equipamentos para auxiliar na fiscalização permanente. Além disso, vamos ampliar o trabalho de repressão, incrementando as ferramentas de investigação para identificação e punição dos criminosos, que insistem em degradar os bens culturais, como aconteceu no caso da Igreja São Francisco de Assis, na Pampulha.



Nossa Senhora do Rosário foi devolvida à capela de mesmo nome, no município de Prados, na região do Campo das Vertentes. A imagem, subtraída da capela em 1980, foi identificada em site de leilão de objetos de arte. Constatada a autenticidade da imagem, o possuidor celebrou termo de compromisso e devolveu a peça de maneira espontânea.

“...somos um estado com 853 municípios, cada um com suas características próprias. Essa imensa diversidade cultural exige do Poder Público um grande esforço para desenvolver ações concretas de preservação e desenvolvimento do patrimônio...”

E no caso da interrelação do patrimônio histórico com o meio ambiente natural?

Do ponto de vista jurídico, o patrimônio cultural está inserido dentro do conceito de meio ambiente. A cultura e a história são consequências das interações das pessoas com os recursos naturais. A arte imita a vida, pois as manifestações humanas se desenvolveram de acordo com os bens ambientais disponíveis. Na era pré-histórica, as cavernas foram as primeiras moradias dos nossos ancestrais, sendo que ali eles, além de se proteger do frio e dos animais perigosos, também desenvolviam a linguagem e a arte por meio das pinturas rupestres. Com o avançar dos séculos, os seres humanos aprenderam a manipular melhor os recursos naturais e começaram a construir suas próprias moradias em locais mais adequados ao desenvolvimento da agricultura. Com isso, diversas comunidades passaram a habitar próximas aos locais com maior disponibilidade hídrica e ali desenvolveram seus hábitos e costumes. Esse breve recorte histórico é suficiente para demonstrar como o patrimônio cultural é indissociável do meio ambiente natural.

O mesmo raciocínio aplica-se ao vasto patrimônio hidromineral de Minas Gerais. Em tempos de aquecimento global e escassez hídrica, a preservação das nossas reservas hidrominerais é uma questão de soberania nacional. Além de ser elemento essencial para a perpetuação da vida no planeta, a água também representa forte relação com o desenvolvimento e a preservação cultural e turística do nosso estado.

15 anos depois da criação, como o senhor situa a CPPC?

A CPPC foi criada para dar mais efetividade à atuação do MPMG na proteção do patrimônio cultural, por meio de um trabalho regional e especializado. Minas Gerais é o estado brasileiro com maior número de bens culturais reconhecidos, inclusive pela Unesco. Além disso, somos um estado com 853 municípios, cada um com suas características próprias. Essa imensa diversidade cultural exige do Poder Público um grande esforço para desenvolver ações concretas de preservação e desenvolvimento do patrimônio. Nesse contexto, o MPMG possui grande relevância na defesa dos bens culturais, não apenas pelas suas funções constitucionais, mas principalmente pela sua capilaridade, já temos Promotores de Justiça em quase todas as comarcas do estado. O papel da CPPC é justamente apoiar o trabalho dos colegas que estão na linha de frente, em contato diário com a população e mais próximos das realidades sociais. São eles que recebem as denúncias de irregularidades e começam as investigações para a salvaguarda do patrimônio. A CPPC presta suporte técnico e jurídico, especialmente naqueles casos mais relevantes para a sociedade. Nos 15 anos de existência, a CPPC atuou em milhares de feitos judiciais e extrajudiciais, com destaque para as ações de recuperação de bens culturais desaparecidos e degradados, além das centenas de casos bem sucedidos de prevenção de danos ao patrimônio.



UM VARÃO DE MINAS: “150 anos de Levindo Coelho”

Manoel Hygino dos Santos*

Pela força da História e da Geografia, o mineiro desenvolveu um comportamento singular no Brasil, caracterizado pelo equilíbrio. “Se é radical não é mineiro, se é mineiro não é radical”, ensinava Tancredo Neves. Devoto e sacerdote do meio termo, o mineiro foge dos extremismos com rapidez e sofreguidão iguais às que o conduzem ao centro. No seu esplêndido ensaio “Voz de Minas”, Alceu de Amoroso Lima ressalta que, entre os mineiros, prevalecem três primados: o da concentração sobre a irradiação, o da lentidão sobre a velocidade, o da qualidade sobre o número.

O preâmbulo se presta a que busque no passado um dos exemplos mais vigorosos do político mineiro, tal como construído no Brasil desde os períodos mais desafiadores para nossa gente no território em colonização.

Vou evocar Levindo Eduardo Coelho, um protótipo do político mineiro, coerente em atitudes, cumpridor dos compromissos assumidos, sem ardis e com a simplicidade e a seriedade típicas do homem da velha Província e do Estado, alçado a elevadas posições.

Nasceu no dia 13 de outubro de 1871, em Catas Altas da Noruega, pequeno arraial de nome pomposo, entre Itaverava e Piranga, no Alto Rio Doce. Filho de Antônio Coelho e Maria Antônia Coelho, viveu infância humilde, chamado a vender quitandas pelas ruas para ajudar nas despesas domésticas, como, aliás, aconteceu também com Juscelino, no velho Tejuco.

Foi morar aos 2 anos de idade, com uma tia e o esposo, residentes em uma fazenda em Serra do Onça. Serador, o tio preparava tábuas para construção da nova sede da propriedade. Em 1877, indo o casal para outra pequena localidade, na saída para a Serra e perto do Distrito de

Fotografia: Wikipédia



Rodeiro, passou a criança a frequentar escola primária, carregando balaios ou tabuleiros para vender produtos da culinária familiar. Não durou muito. Como a casa estava hipotecada, os tios se transferiram para Piedade da Boa Esperança, distrito de Piranga, naquela época, hoje cidade de Rio Espera, residindo em casa de fazendeiro que só ia à cidade para as festas religiosas. Matriculou-se em uma das duas escolas públicas, em que faltava tudo: de material escolar a livros, a caneta e até tinta e folhas de papel.

Recebeu ali orientação de um sacerdote, Padre Agostinho Rezende da Assunção, que abnegadamente o recebeu. Com 12 anos, em 1883, tomou a estrada com tropeiros para Ouro Preto, para morar com um funcionário público, que lhe entregava quinquilharias para vender pelas ruas, assim como café para guardas e presos da cadeia local, embora prestasse também serviços domésticos. Simultaneamente comparecia à escola de primeiras letras, anexa à Normal. Logo, reconheceu que aquele não era o seu destino. Graças à interferência da mãe, foi acolhido na residência do professor Egídio Soares, fundador do Colégio Oupretano, sem abandonar os serviços costumeiros. Enfrentou novo período de imensas dificuldades, dormindo em uma esteira forrada com um pano azul, estendido sobre a mesa da sala de visitas ou do jantar. Não desanimou, indo às aulas do mestre, prestou exame de Português perante banca oficial, matriculando-se em seguida no Liceu Mineiro da antiga capital, onde começou no Latim.

Tornou-se amigo de dois dos filhos de Camilo Soares de Moura, chefe político de Ubá, que se preparavam para a Faculdade de Direito de São Paulo. Mudou de endereço em Ouro Preto, ingressando no Colégio Oupretano, onde tinha um quarto “debaixo do sobrado, cercado com tábuas de caixote”. Aprovado em Francês, enquanto porteiro e servente do educandário, cuidava do aluguel de um pasto para animais. Já estudava Inglês com Pedro Boejstorf, ex-secretário do Dr. Lund, em Lagoa Santa. Deixou o colégio e, sem meios para manter-se, retornou a Catas Altas. Não demorou, voltando à capital, onde o Colégio Mineiro, sob nova direção, recebia estudantes de todo o país, admitido como aluno pobre e dispensado

do pagamento. Fazendo pequenos serviços, nos anos seguintes, pôde submeter-se a exames de Inglês, Latim, Aritmética, Geometria e Álgebra. Sem emprego em determinado período e sem ter onde morar, encontrou refúgio em uma pensão. Vivía com um casal conhecido e dava aulas particulares de Inglês. Surge, então, bela oportunidade, quando o querido professor Aurélio Pires o efetivou para substituí-lo. Com 21 anos, gozava de respeito e bom nome.

Foram seus alunos, entre muitos: Afonso Pena Junior, Artur Bernardes, Casimiro de Souza, Clodomiro de Oliveira, Lourenço Baeta Neves, Carlos Chagas, Raul Soares de Moura, Arduino Bolivar, Afonso Starling, Augusto Neves, José Vieira Marques, Eduardo Médici, de Bagé, e tantos outros de futura projeção no Estado e no país.

Candidatando-se a uma vaga nos Correios, consegue o primeiro lugar, mas o exame é anulado. Numa segunda vez, alcançando igual colocação, toma posse. Chama a mãe e as irmãs para morar com ele, a despeito da baixa remuneração que recebia. Nesse interim, candidata-se à Escola de Farmácia, é aprovado e se matricula. Por concurso, recebe o título de bacharel, após defesa de tese em Ciências Naturais e Farmacêuticas.

A vida continuava. Transferiu-se para casa mais confortável. As irmãs, aprovadas em Escola Normal, mudam da cidade. A mãe passa a fornecer pensão para estudantes. Começa a ministrar aulas na Escola de Farmácia, minoram as dificuldades, inscreve-se na Sociedade de São Vicente, participa da vida dos médicos-cirurgiões, e resolve estudar Medicina. Diante da febre amarela no Rio de Janeiro, teve de matricular-se na Escola de Medicina na Bahia, juntando pequenas economias para sobreviver. Humilde, trabalhava com muita disposição e fé, formando amizades, somando experiência.

Afirmou: “Em maio de 1914, atendendo a um convite do presidente de Minas, Bueno Brandão decidiu entrar na política, assumindo a direção regional. Expliquou-se: “Ingressei na via dolorosa da política, com prejuízo de meus interesses particulares, mas a bem da coletividade e da terra em que vivi a minha infância, que é berço de minha esposa e de meus filhos e que, por isso

mesmo, sempre desejei ver engrandecida e próspera. E foi assim que ingressei no campo da política, atendendo ao apelo insistente do amigo, do qual não tive meios de fugir, rebatidos os argumentos de escusas que apresentei. Era o desígnio de Deus. Tomei a cruz e carreguei-a”.

Chefe de família exemplar, católico praticante, em Ubá, tinha consigo a chave da igreja matriz, em que assistia diariamente à missa, às 6 horas, com a esposa. Professor universitário na Escola de Farmácia de Outro Preto e de Odontologia de Ubá, além de Inglês nos colégios Mineiro de Ouro Preto, e São José, de Ubá. Senador estadual, deputado estadual e federal. Em 1933, primeiro secretário de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais, após participar decisivamente de grandes movimentos políticos nacionais, como a Campanha Civilista de Rui Barbosa, em 1910. Liderou a política de sua cidade natal por 17 anos. Agente executivo durante cinco vezes e prefeito, aderiu à Aliança Liberal, em 1930, sempre caracterizada a conduta pelo equilíbrio e ponderação. Depois, negou-se a participar da Legião de Outubro, facção política de inclinação fascista, idealizada por Francisco Campos. Compartilhou da vida da cidade e da região, com jornais para expor suas ideias e convicções.

Farmacêutico e médico, vivia para a clientela, modesta ou pobre. Sem dia e hora para bem servir, tornou-se admirado e querido pela população. Durante o surto da febre Espanhola, no final da década de 1910, não descansou. No primeiro dia de trabalho, percorrendo a cidade, encontrou 154 doentes, no segundo 300. Participou da instalação de uma dispensa, para distribuir gêneros alimentícios aos necessitados, enquanto o quinino era fornecido pela farmácia de um cunhado. Foram dois meses de sacrifícios e vítimas.

Líder autêntico, sempre confiável, sereno, recatado, discreto. Levindo Coelho faleceu em 6 de junho de 1961, construiu sua vida com tranquilidade e discernimento, seguido pelos filhos, entre os quais Ozanam

Coelho, governador de Minas Gerais, e, seu neto, Saulo Levindo Coelho, presentemente provedor da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

Respeitado por seu povo e todos os que o conheceram, servia aos que careciam de sua ajuda nos cargos públicos exercidos, obediente aos princípios cristãos. Casado com Antonina Gonçalves Coelho, teve 14 filhos, um dos quais não suportou o tétano e pelo qual pranteou toda a vida.

O Senador Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, em 20 de novembro de 1967, homenageou a memória do Senador falecido, da tribuna da Casa Alta do Congresso, a propósito das solenidades do dia anterior, quando se inaugurou a herma de Levindo Coelho na cidade em que construiu sua vida. Disse Capanema:

“Observo que Levindo Coelho, tendo vivido numa época em que as chamadas razões de Estado tamanha influência vieram a ter sobre a conduta dos políticos, passou por todas as vicissitudes da carreira, distanciando, em tudo e por tudo, da política marcada

por tal ou qual teor maquiavélico. A sua filosofia era uma árvore plantada no terreno da fé irredutível. A lição que decorre da vida desse mestre em política é que, sobre as razões de Estado, prevalece a lei de Deus. O primado pertence às razões morais. Creio, assim, dar de Levindo Coelho a verdadeira imagem, dizendo simplesmente que ele, pela elevação dos propósitos, pela intransigência dos princípios e pelo equilíbrio e retidão dos processos, foi, em todo o rigor da palavra, uma varão de Plutarco. Levindo Coelho faleceu em 06 de junho de 1961”.

Em 2021, somam-se 150 anos do nascimento do ilustre mineiro. Ele poderia dizer o que São Paulo declarou em Carta a Timóteo: “Combati o bom combate, terminei a minha tarefa, guardei a fé”.

***Jornalista, membro da Academia Mineira de Letras**

“[...]Farmacêutico e médico, vivia para a clientela, modesta ou pobre. Sem dia e hora para bem servir, tornou-se admirado e querido pela população.[...]”

Estátuas de alumínio reciclado substituem originais

José Efigênio Pinto Coelho*

A destruição de uma obra de arte é uma coisa comum na história da humanidade. O difícil é a preservação dos monumentos públicos, históricos e religiosos. Guerras, colonizações, incêndios, terremotos, chuvas, vulcões, gelo são fatores, humanos ou naturais destruidores de cidades, povos e culturas. Em Ouro Preto não é diferente, acidentes naturais perseguem as encostas íngremes a cada período das chuvas. Também nos últimos anos, as agressões humanas perseguem o patrimônio artístico da Cidade Monumento Mundial como ocorreu em 1986, quando destruíram, a estátua de faiança de São Matheus, uma das estátuas que compõe o conjunto de quatro existentes no alto da escadaria do adro da igreja de São Francisco de Paula. Na ocasião, restaurei o São Mateus que voltou para o seu lugar. Mas em 1996, as outras três estátuas que compõem o conjunto foram brutalmente destruídas. Estas são imagens de faiança feitas em Vila Nova de Gaia, Portugal, no final do séc. XIX, foram as últimas obras de arte, da era Imperial, quando Ouro Preto ainda era a Capital de Minas Gerais. São imagens com aproximadamente, 1.5m de altura, de cor branca com pintas escuras. Compunham maravilhosamente a paisagem, que oferece uma das mais belas vista da cidade. A destruição destas imagens deixou um vazio na paisagem e uma incerteza na população que se sentiu fragilizada e impotente, diante das agressões crescentes do nosso Patrimônio.

Após as restaurações das estátuas de São Matheus, São Pedro e São Paulo, era meu intuito levá-las de volta ao lugar de origem, mas a comunidade resolveu não colocá-las de volta ao seu lugar, por motivo de fragilidade das peças e insegurança do sítio em que se encontravam. Esta iniciativa partiu da prudência do saudoso Pároco da Matriz da Nossa Senhora do Pilar, o Cônego José da Costa Simões e da Irmandade dos Mínimos de São Francisco de Paula. Assim, a cidade de Ouro Preto ficou com um belo palco vazio.



Realmente, as imagens originais não poderiam voltar, mas, e se fizéssemos cópias com um material mais resistente? Foi o que me ocorreu durante muitos anos. Então fiz um projeto, no qual copiaria as imagens em metal e daria uma pintura imitando louça. O alumínio seria o ideal, leve e de pouca alteração. A peça seria fundida e compacta. Como muitos anos se passaram, o pároco da Matriz do Pilar mudou, agora era o Padre Marcelo Santiago, que gostou do projeto, levando-o para o Conselho Paroquial e foi aprovado. A seguir o projeto foi encaminhado para o Diretor de Patrimônio da Paróquia, o senhor Carlos Aparecido de Oliveira e, juntos, fomos apresentá-lo ao então Secretário Municipal de Cultura e Patrimônio de Ouro Preto, engenheiro civil José Alberto Pinheiro. Isto foi no dia 26 de maio de 2014, conforme consta no protocolo. Assim, para dar início à obra, fiz contacto com uma fundição em Itabirito, de propriedade do engenheiro metalúrgico Jacimar Coelho. Não era esta a sua praia, peças tão complicadas, mas aceitou o desafio. Começamos com o busto de São Matheus, por ser mais simples e estar desprendido do corpo. O resultado foi positivo, ficou bom e pesado. Todos aprovaram. Quando íamos dar sequência ao trabalho, o Secretário José Alberto foi exonerado. Voltamos à etapa zero.

Procurei entrar em contacto com empresas locais para financiar o projeto, mas é muito difícil conseguir apoio para um projeto em andamento e de difícil execução. O tempo foi passando e, em 2016 tomou posse o novo prefeito Julio Pimenta que, apesar de sensível ao projeto, tivemos que esperar, pois, logo no início do seu governo a Barragem da Samarco em Bento Rodrigues havia sido destruída e a região ficou praticamente, falida.

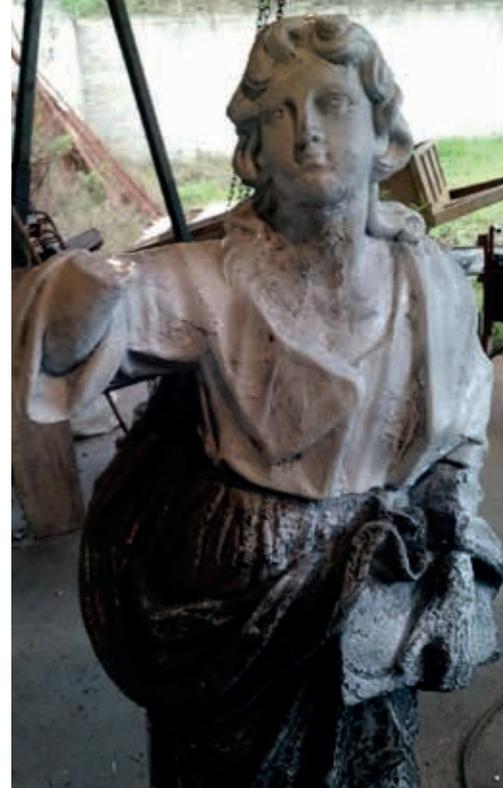
Decidi mesmo nestas circunstâncias, conversar com o novo Secretario Municipal de Cultura e Patrimônio, Zaqueu Astoni, no dia 11 de setembro de 2019 e, juntamente com o Pároco da Matriz do Pilar, Padre Marcelo Santiago lhe entregamos um pré-projeto. Este foi encaminhado para o Conselho Municipal de Cultura para aprovação. Este Conselho é representado por todas as entidades culturais da cidade. Por várias vezes o Diretor de Patrimônio da Paróquia do Pilar, Carlos Aparecido de Oliveira, teve que apresentar o projeto, para melhor entendimento. Por fim, o projeto foi aprovado, quase um ano depois. Agora teria que passar pelo Fundo Municipal de Cultura, mais alguns meses de espera. Após ser aprovado, teria que passar pela Procuradoria Municipal e Receita Municipal. Foi quando o projeto emperrou. Neste meio tempo, o Secretário Zaqueu Astoni pediu demissão entrando em seu lugar, a arquiteta Deise Lustosa, mais experiente, ela procurou agilizar de todos os meios para a sua aprovação.

Fotografias: divulgação





Fotografias: Acervo do autor



Assim, eu ia fazendo o possível para executar as cópias, mesmo sem o projeto ter sido liberado. Mas, quando retornei à fundição para iniciar a nova fase, seis anos haviam se passado e muita coisa mudara. A fundição Fonderia também estava em crise, funcionando com o mínimo de funcionários e os que poderiam fazer o serviço das cópias, já tinham sido dispensados há anos. Após uma conversa com o engenheiro Jacimar Coelho, ficamos de procurar antigos funcionários que poderiam fazer os moldes de areia, para tirar as cópias, com o alumínio reciclado. Encontramos o Sirlei Miranda, que trabalhava durante a noite numa empresa de segurança da Vale. Ele aceitou trabalhar três dias por semana e assim, assumi o compromisso, bancando os custos até a liberação dos recursos do Fundo Municipal de Cultura. Mas o pior estava por vir. Ao iniciar os trabalhos, aconteceu a Pandemia da Covid-19, tudo mudou, mais incertezas, o alumínio reciclado escasseou e aumentou de preço.

Das quatro imagens de faiança, duas estavam divididas em partes e duas eram inteiriças. Para fazer os moldes, iniciamos com as imagens partidas, para facilitar o serviço. Pedacos menores, formas menores. O molde é feito com areia e um aglutinante fraco. Usamos resina acrílica levemente, pois, as imagens têm partes vazadas com profundos cortes, o que dificulta a retirada da imagem original. Trabalho delicado e frágil, qualquer deslize o molde quebraria. O molde é feito dentro de uma caixa

de lâminas de aço, para suportar a pressão e temperatura do alumínio fundido a 800°C. Não pode haver fissura no molde de areia, senão o alumínio escapa, inutilizando todo o trabalho, daí a necessidade do serviço de um técnico, experiente. Com muita dificuldade, fizemos as duas estátuas: a de São Matheus e a de São João, justamente as divididas. Mas como foram os primeiros trabalhos e molde direto, as cópias vieram com muita sobra de alumínio, difícil de serem retirados. Este serviço teve que ser feito por outro especialista. Procurei a Serralheria do José Geraldo, na Bauxita, que me cedeu o funcionário Anderson Neném, que fez um excelente trabalho de desbaste.

Com as imagens limpas, vem a parte final, o nivelamento e preenchimento das falhas oriundas dos moldes, utilizamos massa acrílica. Depois vem uma camada de base de poliuretano para fixar a tinta no metal. Camadas finas de tinta branca de poliuretano são aplicadas, depois retocadas com pingos de tinta escura para imitar a faiança original. Por fim, o verniz de poliuretano para o acabamento e proteção. Nesta etapa de acabamento e limpeza das peças contei com a ajuda do técnico em restauração Sidney de Paula Mendes.

Depois de prontas, as imagens pesaram mais ou menos 250 Kg. cada, o que dificultou a sua movimentação. Duas imagens prontas, partimos para a terceira. Fizemos uma forma grande, pois a peça era inteira, mas como o molde não se desprendia da imagem, perdemos o molde



e todo o serviço. Tínhamos que pensar em outra maneira. Resolvi fazer uma cópia de gesso, dividi-la para fazer moldes menores. Nesse meio tempo, houve a troca do Pároco da Matriz do Pilar. Entrou o Padre Adilson Luiz Umbelino Couto, que deu prosseguimento à obra, assinando a nota fiscal de incentivo a cultura da Prefeitura de Ouro Preto. No dia 28 de outubro de 2020, recebi o pagamento referente a restauração da imagem de São João, sua cópia e a cópia de São Matheus, metade do orçamento, como está no contrato com a Prefeitura. Por fim, conseguimos colocar a imagem de São João, cópia de alumínio reciclado, em lugar da original. Era o dia 25 de novembro, devido o seu peso, tivemos que utilizar um caminhão Muque.. Muita coisa aconteceu. Este trabalho pode ser um dos primeiros casos de substituição de estátuas originais por cópias no Brasil. Por usarmos material reciclado, é uma vanguarda na proteção e valorização do meio ambiente. Mas, um dia após a colocação da imagem, a Secretária Municipal de Cultura e Patrimônio recebeu uma ordem do IPHAN para paralisar o empreendimento, até que recebesse um relatório, para entendimento da questão.

Neste meio tempo, houve muita discussão sobre o tema da colocação ou não das cópias das estátuas. Uma cidade como Ouro Preto tudo se mostra grandioso, então para melhor entendimento do papel das cópias, a Prefeitura de Ouro Preto e a Paróquia de Nossa Senhora do Pilar fizeram um seminário virtual, com pessoas diretamente li-

gadas à área. Participaram professores e pesquisadores, com trabalhos relacionados à utilização das cópias em áreas públicas. O resultado foi positivo, como a preservação dos bens culturais, também tem outro sentido que ultrapassa o objeto. Entre teoria e prática, expus a importância da colocação das estátuas como arte que produz cultura e cultura que produz economia. Toda sociedade está envolvida neste pequeno ato, o religioso, o guia de turismo, as crianças, o cidadão. A memória se faz presente, a beleza retorna ao seu lugar e a história registra o tempo. Como representantes do IPHAN participaram do evento, agora eles têm material e suporte para decidirem.

Assim se passaram 34 anos, entre destruições e um sonho de trazer de volta as imagens para o seu lugar de origem. Recebi muitos parabéns pelo trabalho, a população se sentiu mais fortalecida ao ver novamente a recuperação de uma das mais belas paisagens de Minas Gerais, por que não dizer, do Brasil. A beleza de Ouro Preto é justamente a inclusão das obras de arte na paisagem natural. A arte educa sem palavras, basta a sua presença, por isso minha insistência na volta das belas imagens ao seu lugar de origem. Mas algumas dúvidas pairaram sobre as representações das imagens, se foram colocadas aleatoriamente ou com algum propósito? Nada em Ouro Preto é aleatório. A Igreja de São Francisco de Paula, foi a última a ser construída, ela atravessou todo o sec. XIX, o século do Império. Fato curioso no

terceiro altar à esquerda da nave, vemos o símbolo do Império Brasileiro e justamente aí, tem um prego que D. Pedro II pregou. Sabemos que o maior comprador de faianças portuguesas era o próprio Imperador. De uma forma ou de outra, há uma relação de D. Pedro II com as estátuas que compõem a escadaria.

Porque São Pedro, São Paulo, São Matheus e São João foram os escolhidos? Ouro Preto era uma cidade Católica, como o Império. Então São Pedro ficava na parte de cima, representando a Igreja de Roma, foi o Apóstolo imediato, o primeiro Papa, era o mais velho. Ao seu lado, São Paulo, o Apóstolo que não conheceu Cristo, mas recebeu a graça das mãos de São João que está na parte baixa da escadaria. São João era o mais Jovem e predileto de Cristo, na Última Ceia, encosta a cabeça no peito de Cristo. Foi preso pelo Imperador Domiciano e colocado dentro do caldeirão com azeite quente, saiu vivo e livre por não morrer, após, escreveu o Apocalipse, mais tarde na Turquia escreveu o quarto Evangelho. São os três Pilares da Igreja. Sobrou São Matheus, quem foi ele e qual a ligação com Ouro Preto? Pois bem, São Matheus foi o discípulo de Jesus que foi

pregar a nova religião na Núbia, atual Etiópia. Portanto, foi para o continente africano. Lá evangelizou a filha do Rei, a Princesa Efigênia, a mulher mais linda do reino. Seu pai não gostou, nem o pretendente que queria a sua mão. Efigênia resistiu juntamente com o seu irmão. Efigênia tomou partido de Matheus, o que provocou a ira do pretendente, este matou Matheus e assumiu o trono do reino. Efigênia e seu irmão lutaram e tomaram de volta o trono. Seu irmão ficou no lugar do seu pai e Efigênia fez o crescimento da Igreja na Etiópia, com muita força e coragem, por isso sua representação é uma imagem com ela carregando uma igreja em chamas, o fogo da fé. Em Ouro Preto a Igreja de Santa Efigênia é a padroeira dos africanos e dos militares, fica no Alto da Cruz. Aí está a relação das estátuas com a cidade.

Nova gestão municipal, nova Secretária de Cultura e Patrimônio, por sorte uma pessoa com experiência no Museu da Inconfidência, envolvida com o nosso patrimônio artístico, Margareth Monteiro, que espera decisão do IPHAN para dar continuidade.

***Artista plástico, escritor e restaurador**





Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca Primaz do Sul de Minas

Gilberto Furriel*

Fotografia: Acervo do autor

Pouco se conhece a respeito da primitiva Capela de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca, cogita-se, porém, que tenha sido erguida em data anterior à criação da própria paróquia, entre os anos 1706/1710. A mais relevante informação sobre sua existência encontra ali-cerces no processo de habilitação sacerdotal de José Ponce Diniz, batizado na Capela de Nossa Senhora da Conceição, nas Minas de Aiuruoca, aos 29/12/1711, onde as testemunhas declaram ser ele filho de Cristóvão Diniz de Anhaia e Maria Zunega de Jesus e que fora ***“Bautizado por um Monge de Sam Bento por nome Frey José desta NSConceyçam(...) nas minas de Ajuruoca//”***^{***} Assim mais disse que ***SabeCertamente que nasceo ojustificante aos Vinte de Dezembro de milSete Centos eonze anos”***



*Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca. Obra de 1902
Fotografia da década de 30.*



Os documentos não deixam dúvidas de que paróquia foi criada no ano de 1717, a veracidade desta informação se depreende do próprio bispo que a erigiu, D. Francisco de São Jerônimo, 3º Bispo do Rio de Janeiro, que, em carta resposta datada de 09/08/1720 ao Rei D. João V, comunicou-lhe que as paróquias por ele instituídas em 1717, que eram Coladas (sustentada pela Fazenda Real), permaneceriam na condição de Encomendadas (sustentada pelos fiéis) porque **“Sendo boas povoações despaceo dellas o Ouro como forão a Jorioca, e Hibatipoca ficando poucos fregueses a viver de outras indústrias”**. Podemos ver claramente que, antes de 1720, Aiuruoca já era paróquia, ou seja, estabelecida naquele ano de 1717 pelo próprio D. Francisco de São Jerônimo como Encomendada.

Outra fonte documental importante é a visita pastoral de D. Frei José da Santíssima Trindade, 6º Bispo de Mariana, ocorrida na Matriz de Aiuruoca em 31/07/1824, registrando que a paróquia fora criada em 1718. Também temos o relatório datado de 07/01/1830, enviado à Diocese de Mariana pelo Vigário da Matriz de Aiuruoca, Pe. José de Abreu e Silva, e o raro documento **“Relação dos vigários havidos em Aiuruoca a contar de 1718 a 1890”** recentemente descoberto dentro de um dos livros do tomo da paróquia de Aiuruoca, que atesta a posse do primeiro padre, Manoel Rabelo, em abril de 1718, e a sua permanência até dezembro de 1725, permanecendo 7 anos e 9 meses à frente da Paróquia de Aiuruoca.

Monsenhor Antônio do Patrocínio Lefort reforça o ano de 1718 em seu Anuário da Diocese da Campanha sobre Aiuruoca, citando, inclusive, a monumental obra **Instituições e Igrejas do Bispado de Mariana**, do proeminente historiador Cônego Raimundo Otávio da Trindade, que diz **“8 - Aiuruoca - Freguesia de instituição episcopal de 1718, a qual o Alvará de 16 de janeiro de 1752 elevou à categoria de Colativa”**. É acertada esta informação do Cônego Trindade, pois, o citado Alvará Régio, declarou de natureza Colativa vinte e quatro paróquias de criação episcopal no Bispado de Mariana, sendo, uma delas, a Paróquia de Nossa Senhora da

Conceição de Aiuruoca: **“Hei por bem criar e erigir em nova vigararia colada a Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Aiuruoca do Bispado de Mariana, com congrua de duzentos mil réis anualmente pagos pela minha Real Fazenda”**. Ou seja, a paróquia de Aiuruoca realmente foi ereta em 1717 por ato episcopal de D. Francisco de São Jerônimo e provida como Encomendada, conforme sua carta ao Rei D. João V, em 09/08/1720. A Revista Luzes nº 217, edição de novembro de 1968, trouxe uma importante matéria sobre os 250 anos da criação da Paróquia de Aiuruoca:

“Segundo Cônego Trindade (Instituição de Igrejas no Bispado de Mariana), a freguesia de Aiuruoca foi criada por ato episcopal, em 1718. De acordo com as pesquisas do Mons. José do Patrocínio Lefort, o Pe. Manoel Rabelo parouquiou em Aiuruoca de 1718 a 1725, esta pesquisa do Mons. Lefort confirma a informação do Cônego Trindade”

Não há dúvidas de que Monsenhor Lefort teve acesso ao primeiro livro do tomo da Matriz de Aiuruoca retirando dele as informações sobre o padre Manoel Rabelo, dados estes confirmados na relação dos vigários havidos em Aiuruoca a contar de 1718 a 1890, encontrado, como já dissemos, dentro de um dos livros de tomo. Ainda sobre a data de criação da paróquia, o historiador Redentorista Ir. José Mauro Maciel em sua obra, *Aiuruoca nos Setecentos*, lega-nos uma preciosa pesquisa sobre o tema:

“A Freguesia da Aiuruoca foi criada em 1716 ou 1717 e provida no início do ano de 1718. Fato é que nesta época foram criadas diversas Freguesias nas Gerais. E o Conselho Ultramarino deu o seu parecer, estabelecendo “a Congrua q’ Sehouver de Constituir aos Parochos das Igrejas das Minas Seja Somte. acada hum de Cento e vinte mil Reis aRespeito de Se Conciderar, deq’ os benezes q’ podem ter os poderá ajudar mtº para poderem passar mtº decentemente, e Com toda a Comodidade. Lixª Occidental 5 de Novembro de 1717.” Coincide também, em 1717, que o rei D. João V recomendou a todos os prelados e cabidos do reino de Portugal

Relação dos Vigários havidos em Aiuruoca a contar de 1718 a 1890

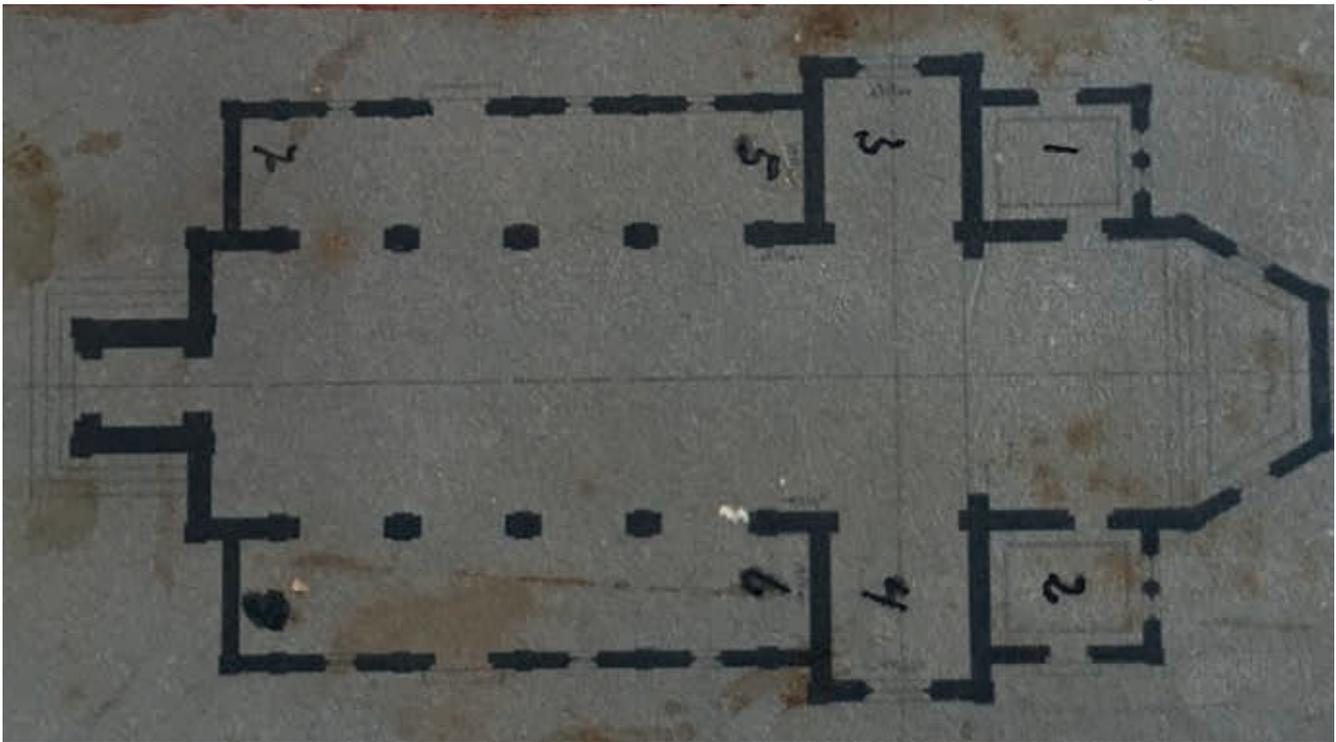
Nomes	Posse	Assunção	Temporaria	Observações
1. X Manuel Nabello	Abril de 1718	Dezembro de 1725	7 annos e 9 mezes	Mortou-se
2. X Francisco Leite Lobo	Junho de 1725	" 1729	2 " 4 "	" "
3. X Manoel de Souza Affonso	Affonso de 1730	Julho de 1737	7 " 7 "	" "
4. X José Affonso de Miranda	Julho de 1737	Dezembro de 1741	3 " 5 "	" "
5. X João de Souza Lobato	Affonso de 1741	Abril de 1741	1 "	" "
6. X Luiz Alves Fernandes	Affonso de 1741	Agosto de 1741	3 "	" "
7. X Sebastião do Prado Xavier	Agosto de 1741	Junho de 1746	4 annos e 5 "	" "
8. X José de Souza Barreto	Affonso de 1746	Julho de 1746	1 "	" "
9. X Manoel Affonso	Julho de 1746	Outubro de 1746	3 "	" "
10. X Manoel Estanislau de Ferraz	Outubro de 1746	Junho de 1747	2 "	" "
11. X Manoel da Fonseca	Fevereiro de 1747	Fevereiro de 1748	1 anno	" "
12. X Manoel Machado Sakas	" de 1748	" de 1749	1 "	" "
13. X Francisco de Lourenço Campos	Affonso de 1749	Setembro de 1752	1 " e 6 mezes	" "
14. X José Francisco de Souza	Setembro de 1752	Dezembro de 1757	14 " e 5 "	Foi a Portugal sobre-se
15. X Francisco Antonio Pereira	Fevereiro de 1757	Agosto de 1761	3 "	em Lisboa a 30 de Julho de 1761 expulso em 1764
16. X José Guaspar de Souza	Setembro de 1767	Fevereiro de 1768	5 "	Tratado de saúde
17. X Beneditina Lopes	Fevereiro de 1768	Agosto de 1770	2 annos e 5 mezes	" "
18.				
19.				
20.				
21.				
22.				
23.				

Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca

Original da relação dos vigários havidos em Aiuruoca de 1718 a 1890.

se celebrassem a festa da Imaculada Conceição "com a maior grandeza e solenidade". A Ordem Régia de 16 de fevereiro de 1718 veio regular "a excessiva conheçença, que levarão às Vigararias das Igrejas de Minas, que era de húa oitava por cada pessoa de communhaõ, e meia oitava por cada pessoa de confissão, e manda dar de Congruas acada um dos ditos Parochos pagos da Fazenda RI., duzentos mil reis, e que destemodo, não serão as ditas Conheçenças tão excessivas, e que ao dº Bispo do Rio de Janrº, o manda encomendar faça húa taxaçoõ moderada, do que devem levar os ditos Parochos das mesmas Conheçenças, respeitando a Congrua," assim já estabelecida. Estas Conheçenças existiam desde 1711, sobre as quais, posteriormente, foi pedido "ao Exmº Bispo o Sr. D. Francº de S. Jeronimo as Reduzisse aoque fosse justo, oque Consta de Sua Provizão datada em 16 de Fevº de 1718 em virtude

daquel obedesendo este Exmº Prellado, taxou asdºs Conheçenças naquanta de seis Vintens de Oiro indifferentemente por cada fregues, que com respondia naquele tempo ahum Sello de Prata, o que fes na Pastoral datactada de 18 de Fevº de 1719..." Esta forma de pagamento (Conheçenças) se tornou causa de contendas nas Vigararias das Minas. Todavia, os vigários destas antigas freguesias apelaram pela tradição e finalidade das mesmas. Eles afirmavam que as Conheçenças vinham das "Circunstancias do tempo, Caristia de viveres, pouca gente, enenhua Congrua, parece que fazião justa esta Contribuiçoão. Cessarão eztas Razoens, foi tãobem opovo aliviado da opreçoão, ea Pastoral do Exmº Bispo Fr. Francisco de S. Hyeronimo: datada de 18 de Fevº de 1719 republicada em virtude da Ordem Regia, expedida pello Concelho Ultramarino, Originada das queixas dos Povos, veio decidir ezta duvida, mas não



Planta original da atual Igreja Matriz de Aiuruoca, obra do arquiteto alemão Wilhelm Brozenius – 1902.

extinguilla.” Assim escreveu o pároco da Aiuruoca. Por conseguinte, na Freguesia da Aiuruoca, as Conhecencas remontavam aos antecedentes do parioquiato (1718 a 1725) do Pe. Manuel Rabelo e prosseguiu no decorrer do século XVIII. Assim sendo, o primeiro pároco da Aiuruoca foi empossado pelo Pe. Manuel Cabral Camello, vigário da Vara Eclesiástica do Rio das Mortes. Por isso, os relatórios das Visitas Pastorais antigas afirmam: **“Criada por ato episcopal de 1718 e declarada colativa por alvará régio de janeiro de 1752”**.

Ir. Maciel, na mesma obra, cita o curioso assento de casamento do açoriano José Cabral e Thomazia de Souza, natural de Aiuruoca, feito pelo então Vigário da Vara Eclesiástica, em São João Del Rei, no dia 23 de janeiro de 1740 **“José Cabral, filho de José Rodrigues e Isabel Cabral com Thomazia de Souza natural da freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Jeruoca deste Bispado do Rio de Janeyro, filha de Antonia Rodrigues, preta forra, ede Pay incógnito, e Logo lhesdey as bênçõens conforme aos ritos**

de cerimônias da Santa Madre Igreja”. Pelo visto a aiuruocana Thomazia de Souza havia nascida antes de 1725, quando a paróquia de Aiuruoca pertencia ao Bispado do Rio de Janeiro.

O ano de 1728, sítio eletrônico da Diocese da Campanha, como início dos registros paroquiais de Aiuruoca, refere-se à criação da Irmandade do Santíssimo Sacramento de Aiuruoca, conforme bem elucidado na obra **Os históricos compromissos mineiros: riqueza e potencialidade de uma espécie documental** do historiador Dr. Caio César Boschi. Além do mais, também foi em 1728 o ano da criação da Irmandade da Conceição, conforme pesquisa do Ir. José Mauro Maciel.

Ante ao exposto, não há controversas e nem equívocos de que 1717 seja o ano da fundação da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Aiuruoca e 1718 o ano da posse do seu primeiro pároco, Pe. Manuel Rabelo.

***Genealogista, historiógrafo e memorialista; Secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social, Ambiental e de Turismo de Aiuruoca.**



ÚLTIMAS HORAS

O QUE PENSOU O CONDENADO?

Bruno Terra Dias*

Fotografia: SXC

I - Indagações

Quem teria a ousadia de dizer e praticar a doação da própria vida por uma causa? Bem poucas pessoas o fizeram na história. Riscos são assumidos e calculados, no entanto, normalmente cedem no sopesamento de vontades, interesses, viabilidades, de acenos reservados à incerteza do futuro. A política tem limites que a finitude implicada na condição humana é capaz de compreender e declarar que um nível muito elevado de sacrifícios é inexigível. Quando se sabe e se pratica a ideia de que o mundo não é um lugar ou uma coisa, não é tempo ou espaço, mas o que nos submete do nascimento à morte, algumas perspectivas podem e devem se alterar; então é natural entender que a realidade entorna o cálice dos fatos ou das obras e que a concentricidade dos cálices revela sua eterna renovação, indicando que a verdade perde sua origem na história para ganhar atemporalidade.

O que foi impactante no momento da prisão, no sótão da casa de Domingos Fernandez da Cruz, no Rio de Janeiro, em 10 de maio de 1789? Havia nele plena consciência de que suas atividades poderiam leva-lo a um desenlace assustador, que naquele momento não era possível antecipar em padecimentos físicos, emocionais, mentais. Mas já teria feito a entrega de seu espírito ao destino que outorgaria cem anos de desprezo por traição à monarquia e a eternidade como mártir e herói da república? O que passou, o que disse e como agiu perante as circunstâncias mais desfavoráveis (mesmo desesperadoras) testemunham seu pensamento, sua força mental, sua convicção inarredavelmente republicana.



II – Frases definidoras

“Pois seja feita a vontade de Deus. Mil vidas eu tivesse, mil vidas eu daria pela libertação da minha pátria”. Há mais em uma frase do que a leitura superficial possa indicar, o que aproxima a determinação nela contida do que outros, em diversas épocas e lugares, pensaram e viveram. O extermínio não intimida certos personagens históricos, ainda que se diga que parte do que se conta seja exagero propagandista ou intenção de construir uma imagem justificadora do que era impensado a seu tempo. A edificação de ficções despregadas absolutamente de fundos de verdade suficientemente fortes tem vida curta e estudos documentais, mesmo que relativamente desprovidos de profundidade, desmascaram essas fantasias; criar algo absolutamente falso não é tarefa simples e provoca, invariavelmente, o desabamento moral de seus autores. Para heróis escritores, a fogueira foi destino comum de suas obras em seu tempo ou no da repressão às suas ideias; para os heróis realizadores, torturas, encarceramentos inimagináveis, aos quais seria preferível a morte, o despedaçamento, a fogueira purificadora, a força, o fuzilamento e artes outras da destruição de corpos, que como tais efetivamente foram empregadas, como se a eliminação física fosse capaz de obliterar ideais inscritos na consciência dos povos.

A mesma frase, pronunciada em momentos e espaços diversos, surte efeitos igualmente diversos, conforme seja o ânimo de quem a ouve e interpreta. A diferença entre o ato de heroísmo e o ato do criminoso pode estar apenas na intenção do praticante ou na posição social e política de quem o testemunha. Plutarco (*Vidas Comparadas dos Maiores Guerreiros da Antiguidade: Alexandre e César*, p. 84) atribui a Calístenes haver citado um verso cuja autoria se perde: *Na sedição, altas honras pode alcançar um celebrado*. Certamente que no ambiente carcerário, aguardando a execução de sua pena, não pensou o futuro mártir nas conquistas macedônias empreendidas por Filipe e, muito menos, na obra de Plutarco, no entanto, ainda que por pensamentos menos claros, essa ideia ocorreu a tantos quantos se viram ameaçados pelo ideal republicano e pelo crime de lesa majestade que a simples cogitação de uma inconfidência implicava. Nem sempre traduzida com tamanha precisão e síntese em um verso, a impressão geral nos adversários despertada não seria diversa e somente o decurso dos anos, com a queda da monarquia, poderia reabilitar memórias amaldiçoadas, infamadas e condenadas pelos supostos ofendidos transformados em algozes.



DA EXECUÇÃO DE
JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER
O TIRADENTES

O horroroso fato da alta traição concebida na Capitania de Minas Gerais causou tanta fermentação nos ânimos de todos os confederados quanto foi ansiosa a expectativa em que estiveram até cabal decisão e manifestação de tão temível como inesperado movimento: efervescência de paixões fomentadas aos peitos do ódio e da raiva.

E uma das salas, chamada Oratório, apareceram algemados onze réus. Bordavam os quatro lados desta sala os soldados, cujas armas estavam carregadas de pólvora e bala.

Todos estes foram sentenciados à morte natural na forca, com infâmia para sempre até seus netos, se os tiverem. Além disso, o infame TIRADENTES teria cortada a cabeça e seria esquartejado o seu cadáver.

Um mortal suor os lavou. E tragaram a última gota do fel: "... mas, vista a carta da Rainha Nossa Senhora ..." Tornaram à vida: "... comuta-se aos réus, exceto TIRADENTES, a pena de morte em degredo perpétuo para os lugares da África."

Os gritos e louvores e as ações de graças se elevaram ao céu. Uns, admirados, celebravam tão inaudita piedade da Soberana; outros, mil vivas repetiam. Os presos, com toda a efusão de seu coração, entoaram a Salve Rainha e prosseguiram com o terço de Nossa Senhora. Finalmente, todos diziam a uma só voz: - "Que clemência! Que piedade! Só vós, Senhora, nascesteis para governar. Que felicidade a nossa sermos vassallos de uma Rainha tão cheia de comiserção de seu povo! Vós nos cativastes!"

No meio de tão vivos transportes de alegria, só TIRADENTES estava ligado de mãos e pés; [...] mas tão corajoso como confiante respondeu ao diretor que o confortava até aqui: - "Que agora morreria cheio de prazer, pois não levava após si tantos infelizes a quem contaminara. Que isto mesmo intentara ele, nas multiplicadas vezes que fora à presença dos ministros, pois sempre lhes pedira que fizessem dele só, a vítima da lei."

Amanheceu o dia 21 de abril, que lhe abria a eternidade. Entrou o algoz para lhe vestir a alva, e pedindo-lhe como de costume o perdão da morte, e que a justiça é que lhe movia os braços e não a vontade -, placidamente voltou-se para ele e lhe disse: - "Ó, meu amigo, deixe-me beijar-lhe as mãos e os pés." O que, feito com demonstração de humildade, com as mãos despiu a camisa e vestiu a alva, dizendo: - "Que o seu Redentor morra por ele, também eu."

O valor, a intrepidez e a pressa com que caminhava, os soliloquios que fazia com o crucifixo que nas mãos levava, encheram de extrema consolação aos que lhe assistiam.

Ligeiramente, subiu os degraus, e sem levantar os olhos, que sempre conservou pregados no crucifixo, sem estremecimento algum, deu lugar ao carrasco para preparar o que era necessário; e, por três vezes, pediu-lhe que abreviasse a execução.

Relato do FREI RAIMUNDO PENAFORTE
(Frade que assistiu Tiradentes em confissão)



III – Percurso e altivez humilde

Importa registrar, nesse contexto, não a mera repetição de fatos sucedidos e comprovados, relatados nos livros de história, algo de si relevante, entretanto, quando tanto já se escreveu a respeito e quando a história das ideias políticas se afirma, o que se pode extrair, a partir de fatos e ideias, das palavras ditas no momento crucial e definidor de uma vida que nos orienta a conhecer a intimidade do pensamento de um herói verdadeiro? Alguns escreveram seus motivos, outros agiram, mas pouco ou nada legaram de seus pensamentos e é necessário nos socorrer dos vestígios inconcussos de sua passagem pela existência para compreendê-los. O contexto faz o personagem histórico, mas é seu modo de pensar as premissas surgentes no horizonte social que determina o rumo de seus atos. Nos últimos momentos, da preparação do corpo e do espírito para o desenlace, da humilhação de percorrer ruas a pé, notado por centenas de pessoas inconscientes de seus destinos, de subir os degraus em direção ao cadafalso e, alcançado o patamar, beijar os pés do carrasco humildemente, no instante imediato ao de se lhe colocar o barço, o instante de sentir o laço apertando e os minutos de agonia, o que se passou pela mente daquele que se ofereceu para salvar os parceiros e servir de exemplo à posteridade? A consciência da morte não é consciência do inexorável, porém do momento passageiro que abre as portas da eternidade. Por isso a invocação da vontade de Deus, para que se fizesse do corpo o símbolo de corrup-

ção da carne, permitindo ao espírito retornar ao seio de sua proveniência, perder individualidade e ganhar o absoluto na reintegração ao Criador.

Foi um trajeto cumprido em duas horas para pouco mais de um quilômetro, o que poderia ser feito em vinte minutos, em marcha desacelerada, não fossem as trinta paradas a que alude Lucas Figueiredo (*O Tiradentes*, p. 362). O ritmo acelerado da marcha do herói foi diminuído a instâncias dos que o seguiam para o ofício fúnebre. Era uma data comum no calendário, mas absolutamente diferenciada pelo que se preparava para acontecer e ecoar por séculos adiante. Com um crucifixo entre as mãos, amarradas por corda à frente do corpo, concentrava sua fé e resolução. Ser infamado por julgamento tão curvo e turvo era nódoa que sabia estar fadada a desaparecer pelo reconhecimento do ideal que ostentava e pelo qual a morte não seria desproporcional, à luz do cristianismo católico de sua confissão e, mesmo dos ensinamentos dos maiores entre os doutores da Igreja (Oíliam José: *Tiradentes*, p. 183).

IV – A cada um o seu tempo

Os feitos humanos devem ter em consideração os pensamentos e as práticas de seu tempo, não os do momento de quem dirige seu olhar ao passado para entender o presente. Valores e princípios permanecem, mas sua formulação pode mudar e sua compreensão deve abarcar o conjunto de experiências da cultura, com o que



O estudo para o painel Tiradentes 1948 | Desenho a grafi te, papel | 17 X 22 cm | Rio de Janeiro, RJ | Assinatura na margem inferior à direita “Portinari”

exige-se constante atualização do intérprete e do prático. Contudo não se deve cobrar o passado pela atualidade, como o futuro não o deve fazer com o presente; seremos todos imperdoáveis aos olhos pósteros se assim não for. Nossos antepassados lusitanos, quando ao final do século XV e no século XVI empreenderam viagens de descobrimento pelo oceano Atlântico, poderiam ser havidos como celerados, na melhor das hipóteses, incluindo nessa qualificação soberanos, religiosos e o próprio Papa, se analisados e medidos pela régua da compreensão ética do século XXI. É assim que se deve pensar e medir os personagens da história, no âmbito das circunstâncias com que houveram de lidar.

Houve o tempo do surgimento da filosofia e do florescimento do teatro grego, assimilados pela cultura romana; houve o tempo das religiões reveladas e dos livros sagrados, cultuados em ritos e discursos, orientando fiéis pelo mundo; houve o tempo das invasões bárbaras, da derrocada do Império Romano e da lenta reelaboração das artes, da filosofia, da teologia e da política; houve o tempo do Renascimento e do Iluminismo, da literatura revolucionária de Rousseau e de suas consequências. Foram mais de dois milênios na Europa e menos de um século para Minas Gerais viver tudo isso impropriamente, sem intervalos para tomar fôlego, as ideias superando em muito a velocidade dos fatos,

tornando pessoas antiquadas durante o transcurso de suas vidas; nessas circunstâncias, defender ideias não compreendidas por espíritos ainda inconscientemente submissos, tornou-o mártir do que levaria três décadas para iniciar e cem anos para se completar e poder reunir condições de se desenvolver: independência, liberdade e república. Pode-se dizer que estava fora de seu tempo e dentro da história.

V – Dormir no preparo da eternidade

Teria dormido sob o signo da tristeza desolada naquela véspera de execução, oprimido pela dúvida da realização a que se propusera e pela promessa de vagar sem sacramentos ou salvação no dia imediato, como soía ocorrer com os condenados à “morte natural para sempre”, que constava de sua sentença? A melancolia se abriga no que nos obriga a curvar-nos para a ela ter acesso, como prisão de teto baixo, bosque fechado em noite viúva de luar, poço profundo cujas águas não saciam a sede de alcançar o que se possa chamar de realização de alegria, é um cativo. Talvez assim se sentisse o mártir, após três anos de encarceramento, encomendando a si mesmo por não haver quem o pudesse, segundo os ditames canônicos. Antígona deu ritos fúnebres a Polinice, seu irmão, uma vez que Creonte o negou, para



Ruínas da Fazenda do Pombal, local onde foi o nascimento de Tiradentes e comemorativo com a Comenda da Liberdade e Cidadania

que seu corpo ficasse exposto à deterioração e a ser comido pelas feras (Sófocles, *Antígona*); não houve quem o mesmo fizesse por Joaquim José da Silva Xavier, que foi morto na forca, teve esquartejado seu corpo e salgado para ser dependurado em lugares determinados, até a completa putrefação e dilaceração pelos carniceiros da natureza.

O mártir não era escritor, não poematizava, como Tomaz Antônio Gonzaga, o seu sofrimento, as decepções de uma vida interrompida e as promessas de um destino distante de seus sonhos. Como sonhador, entendia bem o que ocorria e a própria ignorância dos soldados que o guardaram até então e ainda exerciam seu mister cego, indistinto, desapegados de fé em algo melhor ou sequer cientes de que haveria possibilidades histórica e moralmente elevadas e maiores, se os ideais inconfidentes fossem a alavanca transformadora da realidade crua e destemperada daquele momento. Por não ser escritor, e por haver segredo de confissão em desfavor do religioso que o ouviu na última noite, diz-se que jamais se saberá o que ocorreu ao seu espírito àquela ocasião (Oliam José, *Tiradentes*, p. 180), porém, isso pode não ser exato, uma vez encarnado o propósito não meramente sedicioso, mas constitutivo de uma nação independente e republicana, onde a busca pela justiça correria com a busca pela felicidade, do que havia exemplo atual em nosso continente e na história das civilizações.

VI – Coerências

Se Plutarco estava correto em citar os versos de autoria incerta, isto se deve à universalidade de seu conteúdo e à plasticidade com que redigidos, que os tornava apropriados aos mais diversos e adversos fatos sociais. O desafio de rompimento da ordem estabelecida, inspirado pelos mesmos ideais de alhures, pode resultar em realidades muito distintas: em Minas Gerais, maio de 1789, eram sediciosos, criminosos inculcados de inconfidência e lesa-majestade, condenação generalizada, maldições e infâmias irrogadas; em França, dois meses após, na distância atlântica, revolucionários da liberdade, da igualdade e da fraternidade, marco da ocidentalidade, monarquia destronada e, em poucos anos, morta como instituição e corpos. A mesma frase foi verdadeira nos dois continentes, e os crimes de morte ocorreram na Vendeia e outras regiões (Lyon, Toulon, Bordeaux, Marselha), às centenas de milhares; em solo de nossa terra-mãe, crime de morte houve apenas um, no Rio de Janeiro, para exterminar único homem e eternizar seus ideais. Os considerados celerados oportunistas da sedição em Minas Gerais foram pouco mais de vinte e lutavam por independência, liberdade e república; em França, foram centenas de milhares, assim considerados por apoiar o *ancien regime*.

Há diferença entre o indivíduo que pensa e age pela coletividade, para que seja independente, livre, e a coletividade que pensa e age como submissa a um indivíduo, para continuar a ser submissa, como se isso fosse um direito oponível à liberdade. É certo que isso autorizou (autorizou?) o morticínio jacobinista ocorrido no período do Terror revolucionário; discordar é direito e integra as liberdades humanas onde não haja totalitarismo de qualquer ordem. Doar a própria vida a uma causa não equivale a assumir riscos de eliminação física, isso não é exigível, no entanto é o que fazem heróis e mártires de que a história das civilizações, da filosofia, das ciências e das religiões registram abundantemente e é despidendo relatar. Nos rumores e gritos da Inconfidência Mineira, uma vida simbolizou, tragicamente, uma nação e seu porvir.

VII – O mártir, o herói, a saudade e o poeta

Nos dias ou anos que sucederam a execução da pena imposta, um transporte para além do Atlântico, na busca de mitologia fundante da Germânia, Hölderlin, o grande poeta lírico, despertava para seus melhores poemas. O aparente desconcerto de duas realidades, que ao vulgo pareceria comunicar que os dois continentes não se encontrariam, foi superado, pois a essência das coisas é difusa no mundo e o fato de um é a narrativa de outro, ainda que insciente de tudo quanto tenha ocorrido noutras paragens. E é assim que do grande poeta se extraem profundas realidades do “facinoroso” que afrontou a coroa portuguesa para se tornar mártir e herói de uma nação. As linhas de nossas vidas apontam para o infinito e se encontram inesperadamente, como se esse encontro estivesse não-escrito, fadado a acontecer de inopino.

Verdades fundantes raramente são reconhecidas no tempo de seu acontecimento ou revelação. Por serem duradouras, muito além dos limites da humanidade, aguardam pacientemente o momento mais dilatado para serem conhecidas, reconhecidas e reverenciadas. Quantas vezes é preciso ir ao estrangeiro para compreender a terra natal e conhecer a si mesmo? O estrangeiro não é a cidade ou a zona rural do município de seu nascimento, hoje Ritópolis-MG, o estrangeiro é o outro, aquele que tange a realidade para onde não deveria e propicia, em uma noite, a recordação de uma vida cujos marcos são as tragédias de seu cotidiano, desde antes dos en-

contros inconfidentes, as tragédias que decorreram dos desmandos não apenas do Fanfarrão Minésio, mas de toda ancestralidade governativa.

No instante derradeiro, com a sufocação auxiliada pela caridade do carrasco em abreviar seu sofrimento, haveria o incomunicável sentimento de que o que nos tira a vida, a esperança, a força física, a determinação de continuar a existir, o que nos abate, nos dá, coletivamente, memória do que nos foi subtraído; em transe de morte, não houve oportunidade para refletir que cada vez menos memória é reposta no lugar do que nos é subtraído. Por que o mártir, o herói agônico, é a própria memória que se cria para sedimentar a ideia de nação em uma história fundante. O herói, o mártir, aquele que parte e entrega de si somente saudade aos espíritos que permanecem, será o mote dos versos constituintes da pátria. O herói, o mártir, reclama, para que sua existência tenha sentido e proveitos pósteros, que o poeta e o bardo versem e cantem sua saga.

Completaria 275 anos em 12 de novembro vindouro, idade impossível para um homem, tão pouco para a eternidade que o acolheu.

***Desembargador, ex-presidente da AMAGIS, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.**



Ilustrações retiradas do livro *Liberdade, saudade de Minas*, editado e publicado pela Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, em 2014, em parceria com a Assembleia Legislativa de Minas Gerais, Tribunal de Justiça de Minas Gerais, Ministério Público de Minas Gerais, Instituto dos Advogados de Minas Gerais, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e Academia Mineira de Letras.



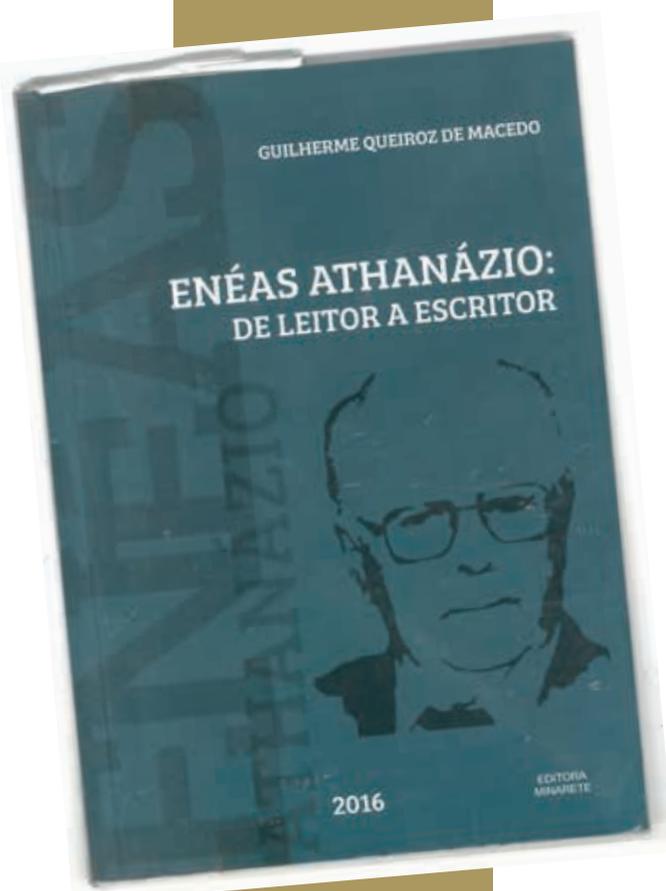
Enéas Athanázio: de leitor a escritor

Guilherme Queiroz de Macedo*

Recebi da Acadêmica Elizabeth Rennó, da Academia Mineira de Letras, a apreciação crítica da obra “Enéas Athanázio: de leitor a escritor”, de minha autoria, publicada em 2016, na qual fiz uma abordagem dos 40 anos de trajetória literária do escritor e ensaísta catarinense Enéas Athanázio, com o objetivo de divulgar sua obra literária, atualmente composta de 70 obras literárias e não literárias, junto ao público leitor.

Há vinte anos mantenho contato com as obras do escritor catarinense Enéas Athanázio, constituída, em grande parte por contos, crônicas, novelas, autoficção, diários de viagens, ensaios, artigos, reportagens, dentre outros gêneros literários e não literários. A presente obra traz um artigo a respeito das realizações de Enéas no campo literário e cultural, uma entrevista com o autor, a respeito da sua formação de leitor e de escritor, um ensaio – intitulado “Painel Único dos Campos Gerais Catarinenses”, no qual abordo os 61 contos da Antologia “Contos Escolhidos”, publicada em 2012, em homenagem aos 40 anos de percurso literário de Athanázio. No ensaio foram enfocados o contexto histórico, geográfico, sociológico; os hábitos, costumes, tradições culturais; memórias individuais e coletivas, a relação passado e presente; o real e o imaginário; a realidade e a ficção; o cotidiano, os personagens; a psicologia individual e coletiva na qual são ambientados os seus contos, novelas e crônicas que constituem o que os estudiosos denominam de “romance em cadeia” dos habitantes do interior catarinense, na região dos Campos Gerais, situada no planalto catarinense. Dentre os 61 contos da Antologia, publicada pela Editora Letras Contemporâneas, de Florianópolis (SC), um é inédito e os outros 60 contos foram selecionados dentre 19 das 56 obras de autoria do autor na época da publicação do livro de minha autoria (2016).

A trajetória literária de Enéas Athanázio está presente, de forma bastante pertinente, nos comentários que me foram enviados, pela Acadêmica Elizabeth Rennó, Ex-Presidente da Academia Mineira de Letras (AML – MG), que reproduzimos abaixo, na íntegra.



*Licenciado em História e Pedagogia – UFMG



Sobre Enéas Athanázio: de leitor a escritor

Elizabeth Rennó*

“O autor deste ensaio Professor Guilherme Queiroz de Macedo vai pontuando o seu estudo analítico com escrita que abrange toda a trajetória literária de Enéas Athanazio, debruçada sobre a memória e a história de uma Santa Catarina revivida através da palavra rememorativa, que a compõe.

Enéas é, sem dúvida, o escritor memorialista que mais se destaca na visão catarinense.

Desenrola a sua criação sem atavios desnecessários, mas pela descrição de tipos e costumes característicos, que a saudade lhe ditou, em minúcias de lembranças de quem quer e consegue perpetuar uma terra através de épocas, fases e acontecimentos que a marcam, com a força da palavra viva. É escrita ditada pelo amor e pela saudade do visto e do vivido.

Com seus personagens e seus atos, repassa a verdade do que lhe completa o coração como testemunha da vivência que preenche sua visão especular.

É este amor a seu rincão que transparece por relatos de fatos, amores, tristezas a assaltarem a obra de focalizada. Esta completude revisada e assimilada por Guilherme Queiroz atesta e autentica o regionalismo de Enéas.

Enéas não pode ser considerado como escritor regionalista apenas: é também o autor realista mas sutil, romântico mas contido, purista mas atualizado, o que se desprende da linguagem estilística de sua lavra.

Na riqueza de seu estilo, navega por mitos, folclore, enfatiza as características psicológicas dos personagens que retratou na totalidade que povoa a diversidade dos habitantes do Planalto dos Campos Gerais.

Neste conjunto humano reflete-se o todo de uma comunidade em comportamento universal.

Enéas é brilhante em sua escrita, na oralidade apresentada nos contos, na descrição dos atuantes, na complexidade dos ensaios, nos artigos jornalísticos. Sua obra, nos mais de 40 anos de percurso literário iniciada com o O Peão Negro, o transforma de persistente leitor em autor de consistente realização.

A multiplicidade de obras de sua autoria, entre contos, romances, ensaios, artigos para jornais, perfaz este grandioso universo literário brasileiro.

O principal ensinamento que Enéas nos transmite afirma-se na importância da leitura, objetivo primeiro para a formação da educação de nossos estudantes, exemplificando este fator como motivador de sua carreira de escritor, hoje, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira.

Esta apresentação- estudo-análise do Professor Guilherme Queiroz de Macedo sobre a obra de Enéas Athanázio merece loas e louvor.

Nesta representação crítica, o autor soube, excelentemente, introduzir-se na metodologia estudada, dela participando como intérprete, analisando e enfatizando com maestria as particularidades de enredo, personagens, desenvolvimento sequencial, diferenciando linguagem oral e culta, separando ficção e realidade, na relatividade do contexto.”

*Escritora e Acadêmica da Academia Mineira de Letras – AML – MG



Reflexão

EM BUSCA DA FELICIDADE

Dom Francisco Barroso Filho*

O ser humano anda em busca do segredo da verdadeira felicidade e da plena realização. Segundo Augusto Cury, célebre escritor cristão, nenhuma espécie é tão complexa, quanto a espécie humana e nenhuma sofre tanto, quanto ela. Milhões de jovens e adultos são vítimas de depressão, ansiedade, estresse.



A tecnologia do lazer nunca foi tão avançada e as pessoas nunca estiveram tão tristes, desestimuladas e com tanta dificuldade de navegar nas águas da emoção. Multiplicam-se os medicamentos antidepressivos e os tranqüilizantes, propagados como excelentes armas terapêuticas, mas falta ao ser humano a capacidade de gerenciar os próprios pensamentos e as suas emoções. Os meios de comunicação nunca foram tão eficientes, quanto os de hoje. Entretanto, nunca as pessoas se desentenderam tanto e se fecharam tanto, no seu egocentrismo.

Dr. Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, que no passado, foi um agnóstico, um humanista não cristão, ao se transformar em um católico dos mais esclarecidos na fé e um líder dos mais atuantes dos últimos tempos, afirma que Deus lhe concedeu a graça de descobrir, de colocar em Deus e não em si mesmo, o seu centro de gravidade. Com efeito, a condição primeira da fé é aceitar uma dependência, é penetrar numa ordem que não foi por nós colocada e aceitar o Projeto de Deus que é um projeto de amor, de justiça e de paz, fonte da verdadeira felicidade e da plena realização. Com razão, pois, o grande Filósofo e Teólogo Santo Agostinho, Doutor da Igreja, dizia que nós fomos feitos para Deus e que o nosso coração estará sempre inquieto, insatisfeito, enquanto não fizer o seu encontro com Deus, tornando-O o centro de sua vida, a sua razão de ser, a origem do seu agir, o motivo do seu pensar e do seu sentir.

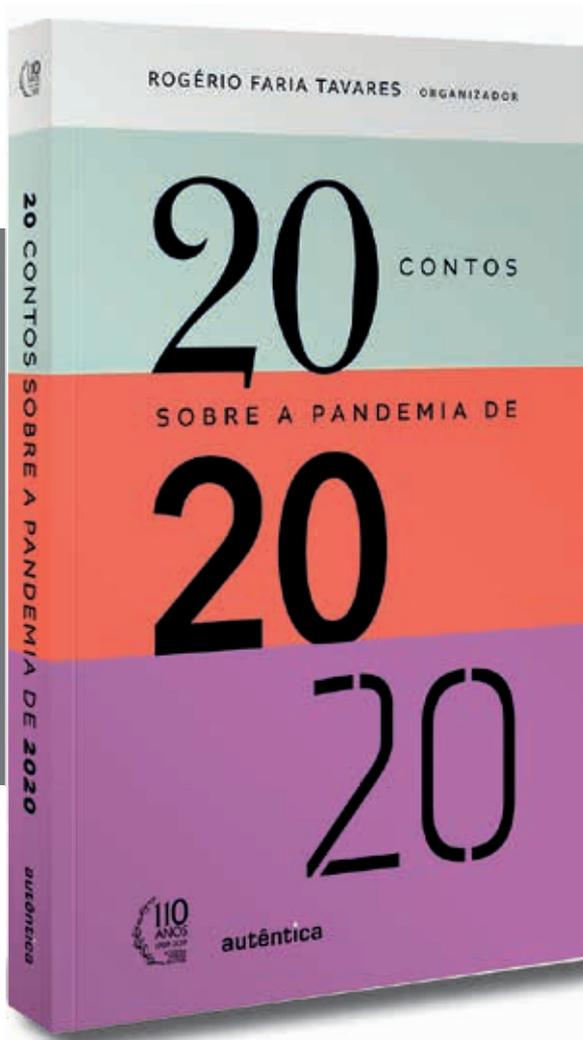
Nas apreciações que fazemos sobre o mundo e sobre a nossa vida, procuremos adotar o ponto de vista da Sabedoria Divina. Que a luz de Deus ilumine os nossos caminhos afastando de nós as sombras da mentira e da falsidade. Que Deus nos guarde numa retidão absoluta de pensamento e de ação. Diante dos testemunhos de ilustres sábios e cientistas que obtiveram a graça da conversão, como Santo Agostinho, Alceu Amoroso Lima e tantos outros, compreendemos que não é possível qualquer conflito entre fé e vida, entre fé e ciência autêntica, porque ambas, embora por caminhos diferentes, tendem para a Verdade. Muitas falhas que encontramos na sociedade, causadoras de tantos males, são conseqüências da falta de uma formação cristã autêntica daqueles que se tornaram nossos dirigentes, nossos Governantes, sem que tivessem sido, previamente, formados, à luz dos conselhos evangélicos.

Por tudo o que dissemos, não é difícil concluir que é a ausência de Deus, que tem levado muitas pessoas a perder o sentido da vida e a não encontrar a verdadeira felicidade e a verdadeira realização que, ansiosamente procuram. Procure, pois, fazer o seu encontro com Deus, pois Ele o conhece, no mais íntimo do seu ser. Só Deus é capaz de satisfazer aquele seu desejo de verdadeira felicidade e de realização plena.

***Bispo Emérito de Oliveira, MG; fundador do Museu Aleijadinho de Ouro Preto**

20 contos sobre a pandemia de 2020

Rogério Faria Tavares*



Surpreendido pela chegada da pandemia ao Brasil, por volta de março do ano passado, segui as instruções das autoridades sanitárias e cumpri a prescrição do isolamento social. Não foi fácil, sobretudo para quem, como eu, foi levado a administrar a rotina de duas crianças sem aulas e impedidas de deixar o apartamento. Com a solidariedade sempre presente de minha mulher, revi as rotinas da casa e experimentei novos modos de trabalhar e de administrar o tempo.

Foi o que, de resto, a maior parte dos habitantes do planeta se viu obrigada a fazer, atemorizada pelo novo corona vírus. Os que, como eu, habitam o território das letras, acabaram desenvolvendo estratégias para continuar criando e divulgando a sua arte e a cultura a que pertencem. Internado em casa, me vi pensando de que modo a Academia Mineira de Letras (AML), que ora tenho a alegria de presidir, poderia continuar ativa durante período tão difícil e desafiador.

Uma primeira solução foi dada pela tecnologia digital. Graças à competência da equipe da AML, dirigida pela talentosa Inês Rabelo, e à generosidade de representativa comunidade intelectual, foi possível veicular uma palestra gratuita, inédita e exclusiva no canal da Academia

no *you tube*, toda semana. Assim, nosso público permaneceu abastecido de conteúdo de qualidade, especialmente no campo da reflexão literária. A gravidade da situação, no entanto, conduziu-me a mais um projeto, dessa vez no campo da produção editorial. Ciente da dimensão histórica desse terrível momento enfrentado pela Humanidade, julguei fundamental gestar um livro que reunisse uma coleção emblemática de textos sobre a peste, assinados pelos mais expressivos escritores de Minas Gerais.

Assim surgiu “20 contos sobre a Pandemia de 2020” (Autêntica Editora, 278 páginas), já à venda, resultado de exitosa parceria entre a editora, liderada por Rejane Dias dos Santos, e a Academia, fundada em 1909

para promover a Literatura e a Língua Portuguesa. Bem recebido pela crítica especializada, pela imprensa e pelos leitores, a obra acabou se tornando uma testemunha sensível e perspicaz de sua época e certamente vai ajudar seus contemporâneos e os pósteros a entender pelo menos um pouco do caos em que hoje vivemos mergulhados.

Dedicado à memória de dois mestres do conto que faleceram em 2020, Rubem Fonseca e Sérgio Sant’Anna, o livro agregou autores de diferentes trajetórias, estilos e gerações, em gesto democrático e inclusivo, na intenção de reverenciar o rico e heterogêneo painel que simboliza a produção literária do Brasil atual, especialmente de meu estado. A constelação, ampla e generosa, é formada por Afonso Henriques Neto, Ana Cecília Carvalho, Ana Elisa Ribeiro, Carla Madeira, Carlos de Brito e Mello, Carlos

Herculano Lopes, Cidinha da Silva, Cris Guerra, Cristina Agostinho, Eliana Cardoso, Francisco de Moraes Mendes, Frei Betto, Ivan Angelo, Jacques Fux, Jacyntho Lins Brandão, Laura Cohen Rabelo, Luís Giffoni, Olavo Romano, Paula Pimenta e Stella Maris Rezende.

Característica definidora dos humanos, a habilidade de narrar já nos salvou, em muitas

oportunidades, da tristeza e da solidão, gerando sentido, alimentando a alma, renovando a crença em dias melhores e, sobretudo, na vitória da espécie sobre as piores adversidades. O que seria de nós se não cultivássemos a esperança? “20 contos sobre a Pandemia de 2020” é, também por isso, uma aposta num futuro melhor que esse presente de medo e desconfiança, de que tanto precisamos nos livrar. Que os que se aventurarem por suas páginas encontrem o mesmo entusiasmo redentor que tivemos todos aqueles incumbidos de torná-lo realidade.

***Jornalista. Doutor em Literatura. Presidente da Academia Mineira de Letras**

RESTAURAÇÕES SINGULARES NO BRASIL

e outras experiências acerca do patrimônio nacional



Projeto do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural | INDIC, viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo a Cultura.

São dois volumes que versam sobre restaurações de importantes monumentos nacionais, mostrando em imagens e detalhes técnicos, aliado a aspectos históricos suas trajetórias e recuperações pelo país, resumindo algumas delas e detalhando a do Convento dos Mercedários e sua anexa Igreja das Mercês de Belém do Pará, no volume I e o Teatro Amazonas no volume II.

Contém, ainda, o primeiro volume, cópia de instigante processo judicial do século XIX, cujo resultado deu à Fazenda Nacional, por vários anos, a posse da Igreja. Discussão jurídica, na época da recém instalada república, recheada por conceitos que deram, posteriormente, origem ao Código Civil Brasileiro.

Para adquirir seu exemplar a preço promocional entre em contato: indic.br@gmail.com



Patrocínio | volume I



Patrocínio | volume II



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



memoriacult.com.br

A sua revista de cultura agora na internet.
Veja artigos veiculados nas edições impressas
em atualizações constantes.

Curta nossa página

facebook.com/MemoriaCult



Mais informações: memoriacult@gmail.com